



ORIENTE MÉDIO

Condenação global

Alemanha reage a plano israelense de controlar totalmente a Cidade de Gaza e suspende exportações de equipamentos militares. França alerta sobre “bloqueio absoluto” e Conselho de Segurança da ONU se reúne, amanhã, em caráter de urgência

» RODRIGO CRAVEIRO

Oposição interna e repulsa internacional. O plano de Benjamin Netanyahu para a tomada da Cidade de Gaza e o controle absoluto do enclave palestino causou condenação massiva de governos estrangeiros e reservas dentro da caserna israelense. A Alemanha abandonou a retórica e suspendeu as exportações de equipamentos militares para Israel. A França criticou, nos temas mais fortes, a estratégia de Netanyahu para a Faixa de Gaza e advertiu que a medida pode levar a um “bloqueio absoluto” do Estado judeu. O Ministério das Relações Exteriores francês sublinhou “sua firme oposição a qualquer projeto de ocupação da Faixa de Gaza e ao deslocamento forçado de sua população”. Por sua vez, o Irã denunciou que o plano israelense “é outro sinal claro da intenção manifesta do regime sionista de realizar uma limpeza étnica em Gaza e cometer um genocídio contra os palestinos”, afirmou um comunicado do porta-voz da chancelaria de Teerã. O Conselho de Segurança da Organização das Nações Unidas atendeu a um pedido de vários membros do Conselho de Segurança e confirmou uma reunião de urgência, amanhã, a fim de debater o tema. Pelos termos do plano de Netanyahu, as Forças de Defesa de Israel (IDF) tomarão o controle da Cidade de Gaza (norte) e forçarão o desarmamento do Hamas e o retorno “de todos os reféns, vivos e mortos”, além da desmilitarização do território. Sob controle israelense, Gaza será repassada a uma administração civil alternativa que não seja nem o Hamas nem a Autoridade Palestina.

Para Barak Medina, ex-reitor e professor de direito da Universidade Hebraica de Jerusalém, o plano de Israel está errado. “Ele foi elaborado, apesar da objeção dos próprios especialistas militares. É algo extremamente custoso e não atinge os seus objetivos”, afirmou ao **Correio**. “A preocupação é que seu verdadeiro propósito não seja militar, mas, sim, anexar o território a Israel e restabelecer os assentamentos judaicos.” Medina disse esperar que o plano não seja implementado. Ele acredita que a única solução possível é entregar o controle do território à Autoridade Palestina, com o apoio dos países árabes.

Coerência

Professor aposentado de história da Universidade Libanesa Americana (em Beirute), Habib Malik admitiu à reportagem que o debate dentro de Israel — no gabinete de Netanyahu e entre oposição e governo — ainda é intenso. “Ainda não vejo um caminho coerente a seguir em meio a toda essa cacofonia. Precisamos aguardar por mais clareza. Claramente, as famílias dos reféns estão bastante preocupadas, e com razão, assim como os militares, dado o perigo que os sequestrados correm e as possíveis baixas militares que podem ocorrer”, observou.

Ex-relator especial da ONU para a Palestina Ocupada entre 2008 e 2014 e professor de direito internacional da Universidade de Princeton, Richard Falk espera que o desmantelamento de Gaza e sua transferência para a governança árabe jamais ocorra. “Isso tornaria os países árabes mais cúmplices do crime subjacente de genocídio e imporia um resultado punitivo

Bashar Taleb/AFP



Palestina reage ao ver a destruição provocada por bombardeio israelense no bairro de Al-Zeitoun, na Cidade de Gaza

aos moradores de Gaza. A percepção israelense, articulada por Netanyahu e outros membros importantes do gabinete, é ver o Hamas como uma entidade inerentemente terrorista, apesar de sua vitória nas eleições de 2006, monitoradas internacionalmente”, avaliou ao **Correio**.

Para Falk, recompensar Israel após sua perpetração de genocídio e punir o Hamas

e o povo palestino é “uma grave injustiça”. “Trata-se de reversão orwelliana de como a responsabilidade legal pelos acontecimentos pós-7 de outubro deve ser devidamente avaliada. É um sinal final de que nem o direito internacional nem noções elementares de responsabilidade criminal se aplicam a Israel. Somente o ativismo entre os povos do mundo pode trazer aparência de

justiça à situação, como foi o caso na racista África do Sul, graças à campanha antipartheid.” O estudioso aponta que a onda populista em relação a Israel e aos EUA resultou na denominação da violência sustentada de Israel contra alvos civis e da linguagem política desumanizante como “genocídio”, após um longo período de fuga ao espetáculo das atrocidades diárias.”

GUERRA NO LESTE EUROPEU



Vladimir Putin (D) e Donald Trump (E), em foto de arquivo: reunião em 15 de agosto

Trump menciona "troca de território" em caso de acordo

O presidente dos Estados Unidos, Donald Trump, citou uma possível “troca de territórios” entre a Ucrânia e a Rússia em uma eventual futura reunião entre os dois países em guerra, mas não deu detalhes. “Haverá alguma troca de territórios para o benefício de ambos”, disse Trump a jornalistas na Casa Branca, durante uma cúpula com os líderes da Armênia e do Azerbaijão.

Ontem, o presidente russo, Vladimir Putin, conversou por telefone com seu homólogo chinês, Xi Jinping, e o primeiro-ministro da Índia, Narendra Modi, antes de um encontro previsto para os próximos dias com Trump. No início da noite, a Casa Branca confirmou que a reunião ocorrerá em 15 de agosto, sexta-feira, no Alasca. Os telefonemas entre Putin, Xi e Modi ocorreram no dia que expira o

ultimato dado à Rússia pela Casa Branca para obter um avanço nas negociações com a Ucrânia, sob ameaça de novas sanções dos Estados Unidos.

A ofensiva em larga escala da Rússia contra a Ucrânia, lançada em fevereiro de 2022, deixou pelo menos dezenas de milhares de mortos de ambos os lados e grandes destruições. Mas após três anos de confrontos, as posições de Kiev e Moscou continuam irreconciliáveis. A Rússia é acusada de bloquear as negociações com suas exigências ambiciosas, enquanto seu exército apresenta vantagem na frente de batalha e continua ganhando terreno.

Em uma tentativa de avançar nas conversações, o enviado americano Steve Witkoff foi recebido por Putin no Kremlin na quarta-feira. Isto representou uma aceleração diplomática que

culminou, no dia seguinte, com o anúncio da Rússia de um “acordo de princípio” para a reunião com Trump.

Putin informou por telefone a Xi Jinping os “resultados” das negociações sobre o conflito no encontro que teve com Witkoff, indicou o Kremlin. “A China se satisfaz de ver que a Rússia e os Estados Unidos mantêm contato, melhoram suas relações e promovem uma solução política à crise ucraniana”, afirmou Xi a Putin, segundo a agência oficial de notícias Xinhua.

O presidente chinês “destacou que os assuntos complexos não têm soluções simples”, e acrescentou que a “China sempre apoiará... a paz e a promoção das negociações”, detalhou a televisão pública CCTV. O premiê indiano declarou, por sua vez, que teve uma “boa” conversa com seu “amigo” Putin.

CONEXÃO DIPLOMÁTICA



POR SILVIO QUEIROZ
silvioqueiroz.df@gmail.com

Para os braços do Brics

O segundo semestre avança com atenções voltadas para os próximos lances na queda de braço político-diplomática com o governo de Donald Trump. O tarifaço anunciado há um mês entrou em vigor com 700 produtos da pauta brasileira de exportações isentos da sobretaxa de 50% — entre eles, os aviões da Embraer e o suco de laranja do agro paulista. Áreas do governo afins com as negociações bilaterais que se desenrolam alimentam a expectativa de excluir também o café e a carne, ainda que não em curto prazo. O que preocupa, e desde logo, é a perspectiva de uma escalada de medidas no terreno institucional, na sequência das sanções impostas a Alexandre de Moraes. Sucedem-se declarações e postagens nas redes sociais, da parte de diferentes áreas do Departamento de Estado, em que “aliados” do ministro do Supremo, “no Judiciário e em outras esferas”, são colocados também na alça de mira da Lei Magnitsky, em resposta à “censura e perseguição” ao ex-presidente Jair Bolsonaro.

Física clássica

Como na lei (científica) enunciada há quatro séculos por Isaac Newton, à ação dos EUA corresponde uma reação da política externa brasileira, em sentido contrário. No caso, ela vai tomando os contornos de uma inflexão mais acentuada no rumo da opção por uma ordem mundial multipolar, expressa, fundamentalmente, na consolidação do Brics.

Não passou despercebida, nos últimos dias, a troca de gestos e declarações com a China e a Índia. A última, por sinal, vem de ser alvo de sobretaxa extra por comprar petróleo da Rússia, submetida a sanções por conta da guerra na Ucrânia. O assunto esteve em pauta na conversa (remota) entre o presidente Lula e o premiê Narendra Modi. Até porque ameaças nessa linha das chamadas sanções secundárias já foram entendidas ao Brasil, pelos EUA e pela Otan.

A China, que negocia ela própria uma saída para o contencioso comercial com Washington, deixou um pouco de lado a tradicional isenção em assuntos entre

terceiros para se colocar ao lado do parceiro no bloco emergente. Em telefonema para o assessor especial do Planalto, Celso Amorim, o chanceler Wang Yi condenou a “interferência externa irracional” em questões internas do Brasil — embora não tenha citado os EUA nominalmente.

Paralelamente, Pequim acenou com a abertura de novos mercados e credenciou para negociar com o país dezenas de exportadores brasileiros de café.

Truco ou pôquer

A semana termina com ecos das últimas escaramuças diplomáticas com Washington. A Embaixada dos EUA vem de publicar — traduzidas para o português — seguidas notas e postagens em que altos escalões do Departamento de Estado atacam sem rodeios o STF e o julgamento de Bolsonaro por tentativa de golpe. Na sexta-feira, depois de uma consideranda especialmente inaceitável, o Itamaraty convocou para explicações o encarregado de negócios da representação, que está

sem titular desde a volta de Trump à Casa Branca, em janeiro.

Em círculos diplomáticos e políticos, observadores traçam paralelos entre os movimentos de Washington e a atitude desafiante do ex-presidente diante do Supremo, que lhe valeu a prisão domiciliar. Ambos se assemelham à tática pela qual um jogador de cartas dobra apostas para testar a disposição dos adversários a topar a parada — ou para afugentá-los da mesa.

A fórmula está na essência do pôquer, astro do carteador norte-americano, mas também na do truco, que imigrantes europeus trouxeram e enraizaram por aqui.

Manda quem pode

Contribuí decididamente para essa impressão a linguagem da postagem mais recente da embaixada. Extraído de publicação do secretário de Estado adjunto para Diplomacia Pública, Darren Beatti, o texto fulmina os “aliados” de Alexandre de Moraes: “Estão avisados para não apoiar nem facilitar a conduta do ministro”. E arremata: “Estamos monitorando a situação de perto”.

O tom acompanha o espírito resumido por Trump ao responder a jornalistas

sobre por que impôs o tarifaço ao Brasil: “Porque eu posso”.

Quem tem juízo...

Até aqui, a linha de reação traçada entre Planalto e Itamaraty se desdobra em duas direções. No terreno político, repetem-se as declarações de afirmação da soberania nacional e da independência entre os Poderes. O encarregado norte-americano, Gabriel Escobar, foi novamente chamado a dar explicações, como é da praxe diplomática. Na véspera, porém, tinha se reunido com o vice Geraldo Alckmin para discutir o impasse comercial. Também o ministro da Fazenda, Fernando Haddad, multiplica as conversas com suas contrapartes.

Assim como resiste à grita do setor mais à esquerda de sua base por resposta mais enérgica — até mesmo a expulsão do encarregado —, o governo evita alarde sobre passos concretos na aproximação a Pequim. Antes do fim do ano, serão enviados como adidos um general e um almirante para somar-se ao brigadeiro que representa a Aeronáutica. E a embaixada procura nova sede, mais ampla, para abrigar uma estrutura que só fica atrás da mantida em Washington.